A VISÃO DOS PIONEIROS

The vision of the pioneers

Prof. Ms. Samuel Meira Moutta[1]
Faculdade Batista do Rio de Janeiro

RESUMO

Este texto[2] faz uma revisão histórica das primeiras plantações de igrejas batistas no Brasil e analisa os fatores estratégicos presentes na ação dos pioneiros, a fim de identificar a conexões que podem ser estabelecidas na plantação de igrejas nos dias atuais. Para tanto, promove uma revisão histórica panorâmica das ações dos pioneiros batistas no Brasil, destacando o cenário mundial que influenciava a ação dos pioneiros e também o cenário político-econômico-cultural-religioso no Brasil, que em parte favorecia em outra parte desfavorecia o avanço do trabalho dos missionários.

Palavras-chave: missiologia, plantação de igrejas, estratégias missionárias, pioneiros no Brasil, história dos batistas, crescimento de igreja, história de missões.

ABSTRACT

This paper makes a historical review of the first baptist churches planted in Brazil and analyzes the key factors present in the action of the pioneers in order to identify the connections that can be established in church planting today. It makes a review of the actions of Baptist pioneers in Brazil, highlighting the global scenario that influenced the action of the pioneers and also the political-economic-cultural-religious scenario in Brazil, which partly favored elsewhere unfavored advance the work of missionaries.

Keywords: missiology, church planting, missionary strategies, pioneer in Brazil, history of Baptists, church growth, history of missions

O início do protestantismo no brasil

A formação do pensamento religioso do povo brasileiro foi decisivamente direcionada pela atuação missionária dos jesuítas. Seis discípulos de Loyola desembarcaram na Bahia em 29 de março de 1549, dando início ao um extenso período de 210 anos em que influentes jesuítas, como José de Anchieta, Manoel da Nóbrega, Antônio Vieira e Pedro Dias, dentre tantos outros, catequizaram a maciça maioria da população brasileira, então formada por escravos africanos, indígenas e portugueses (CÉSAR, 2000, pág. 32). Para Bueno, foi "uma época marcada pela

[1] O autor tem Mestrado em Teologia SouthEaster Baptist Theoligical Seminary (EUA); Pós-Graduado em Gestão de Pessoas (Faculdades Integradas de Jacarepaguá); Graduado em Teologia (Seminário Teológico Batista Fluminense); e Graduado em Ciências Contábeis (Universidade Cândido Mendes).

[2] Este artigo faz parte de uma pesquisa teológica prática mais ampla no campo da missiologia.

intolerância religiosa, pelo etnocentrismo e, acima de tudo, pela Contrarreforma" (BUENO, 2012, pág. 50).

O estabelecimento à força de armas da catequização de indígenas animistas, escravos africanos adeptos do espiritismo Yorubá, bem como a convivência com portugueses católicos ultramontanistas, resultou no senso comum do povo brasileiro de uma cosmovisão católica mística e altamente sincrética. Tal sincretismo religioso ainda permanece, na média da população, até os dias de hoje, inclusive em arraiais evangélicos (RIBEIRO, 1981, pág. 254).

Conquanto a atuação jesuíta e seus desdobramentos afrontavam os interesses colonizadores de Portugal, especialmente a escravização indígena, ambos caminharam juntos sem maiores dificuldades, até que aspectos políticos e econômicos determinaram um rumo diferente, pondo fim à presença jesuíta no Brasil em 1759 (BUENO, 2012, pág. 54). A partir daí, especialmente no século XIX, com a influência da Inglaterra sobre a política econômica e mesmo a segurança nacional de Portugal, passou a haver uma abertura para o pensamento religioso protestante (GOMES, 2007, pág. 67).

A influência da Revolução Francesa, do Iluminismo e da Revolução Industrial custaram muito a chegar ao Brasil. Porém, com a mudança da família real portuguesa à colônia em 1808, mudaram-se também os intelectuais, acadêmicos e nobres de Portugal para o Brasil, fazendo chegar, ainda que tardia e lentamente, a abertura do pensamento para uma reflexão religiosa além da catequização jesuíta (BUENO, *Op. cit.*, pág. 57). A abertura dos portos para a Inglaterra, como condição de sobrevivência e proteção contra os inimigos dos portugueses, resultou em acordo de tolerância religiosa aos anglicanos, desde que seus cultos fossem realizados em casas sem formato de templo e que não houvesse proselitismo (GOMES, 2013, pág. 178).

No Século XIX, já independente de Portugal, o Brasil era governado pelo Imperador D. Pedro II, homem culto e ilustrado, de pensamento liberal e influenciado por ingleses e americanos. O ambiente ainda não era de liberdade religiosa, o que só viria acontecer na República, e mesmo assim demoraria muito para se estabelecer de fato e de direito, mas já era um ambiente menos hostil e quiçá havia alguma simpatia do imperador e de alguma parte da nobreza pelos missionários protestantes, embora a reação católica permanecesse feroz, com perseguições implacáveis (OLIVEIRA, 1999, 65).

Outro aspecto importante é o ideal republicano que crescia entre a elite brasileira e também alcançava aos poucos a totalidade do povo. As ideias republicanas inspiravam-se, em muito, nos Estados Unidos da América do Norte, e seu protestantismo era visto com bons olhos por homens influentes, como Rui Barbosa, o que favorecia o trabalho dos missionários, especialmente diante da classe alta da sociedade (BUENO, 2012, pág. 249).

Esse ambiente favorável fica destacado num dos primeiros relatórios enviados pelos missionários à Junta de Richmond[3]:

> Se não nos enganamos, o nosso Pai Celestial abriu as portas do Brasil. Ele nos chama para ocupar a terra. Homens de Deus já se acham no campo. Teve o nosso missionário, logo no princípio de seu trabalho, o privilégio de levar homens ao Cordeiro de Deus, e sepultá-los com Cristo no batismo. Parece que a bênção do Altíssimo paira sobre a Missão. A vossa comissão é de parecer que a obra nesse grande império deve ser aumentada e estendida. Ao invés de quatro missionários, devemos ter vinte (CRABTREE, 1962, pág. 73).

Enquanto este cenário desenhava-se no Brasil, algo surpreendente, do ponto de vista da missiologia evangélica, acontecia na Europa e se estendia para a América do Norte, alcançando todo o mundo, desde a Ásia, África, Oceania e América do Sul (TUCKER, 2010, pág. 133). Uma série de fatores contribuiu para fazer do século XIX um período positivo para as missões protestantes mundiais.

A Era do Iluminismo e do racionalismo do século XVIII foram fundidas com uma nova era de romantismo. Passou-se a rejeitar a confiança excessiva na razão, dando-se mais valor às emoções e à imaginação. A partir das nações industrializadas o movimento missionário evangélico se estendeu como nunca, seja por meio de missionários enviados ou pela participação de obreiros voluntários que migraram a negócios. Esse foi um período de declínio para as religiões não cristãs e também para o catolicismo, posto que o racionalismo francês dos séculos XVII e XVIII havia prejudicado a Igreja e a Revolução Francesa cortou efetivamente o sustento financeiros das missões católico-romanas, enquanto que na América Latina o catolicismo experimentou inúmeros reveses como escândalos, conflitos de interesses

[3] Junta de Richmond é o nome que ficou conhecida entre os batistas brasileiros a Foreign Mission Board, Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, cuja sede está na cidade de Richmond, Virgínia. Na década de 1990 passa a se chamar International Mission Board, IMB.

(sobretudo comerciais) e guerras. A Igreja Católica era vista pelos países colonos como "o último baluarte de um regime superado e opressivo" (TUCKER, 2010, pág. 134) e os ares de luta por independência, de modo particular no Brasil, criava uma rejeição do catolicismo por parte dos intelectuais que lutavam pela independência.

O protestantismo, por outro lado, vicejava. Cristãos evangélicos ocupavam altos cargos nos governos europeus ou eram cientistas e pesquisadores famosos e reconhecidos. As denominações cresciam rapidamente na América do Norte e o movimento da Escola Dominical ganhava força.

Em um sentido político, o século XIX também foi favorecido para a expansão missionária. Embora houvessem revoluções na Europa e a Guerra Civil nos Estados Unidos da América, havia relativa paz global e um ambiente que favorecia, por causa das incursões comerciais marítimas, o movimento de migração mundial e interação de culturas. Foi também um período de secularização política, em que a religião imposta pelo braço do estado caía cada vez mais na antipatia e rejeição do povo (especialmente as elites e intelectuais). Não era diferente no Brasil.

Neste cenário mundial de tantas mudanças, aconteceu o primeiro avivamento evangélico na Inglaterra, com Whitefield e Wesley, que despertou nos líderes e leigos cristãos a sua responsabilidade da evangelização mundial, não cabendo mais ao Estado a tarefa de propagação da fé cristã. Foi a partir deste senso de responsabilidade individual que William Carey inaugurou o que se chama hoje Movimento Moderno de Missões. Tudo isso afetou diretamente a evangelização do Brasil, por meio de vários grupos e denominações protestantes, especialmente batistas.

Foi naquele cenário de abertura e receptividade, bem como de impulso missionário dos países enviadores, que chegaram ao Brasil os missionários pioneiros do trabalho batistas. Estes pioneiros foram direta e decisivamente influenciados pelos métodos de evangelismo e pela filosofia de ministério que caracterizaram o Segundo Avivamento que tanto impactou os Estados Unidos da América, principal nação enviadora de missionários para o Brasil.

O Segundo Avivamento teve como um de seus principais líderes, e talvez o mais famoso avivalista de sua geração, Charles G. Finney (1792-1875). Ele rompeu com o presbiterianismo e abraçou a práxis arminiana. Criou e divulgou técnicas e métodos que se popularizaram em todo o país e espalharam-se pelo mundo, como o apelo, o banco dos ansiosos e séries de conferências (MATOS, 2011, pág. 2).

Diferentemente do Primeiro Avivamento, o Segundo Avivamento foi marcado por uma teologia menos calvinista, influenciada por algumas tendências arminianas, e por isso a ênfase na escolha, iniciativa e decisão humana, além da insistente orientação à piedade pessoal e separação das atividades mundanas.

Apesar de ter iniciado entre os presbiterianos, o Segundo Avivamento foi mais forte entre metodistas e batistas, os quais tiveram um crescimento vertiginoso e tornaram-se os maiores grupos protestantes da América do Norte. Os métodos, a práxis, a teologia e filosofia ministerial resultantes do Segundo Avivamento passaram a caracterizar os Batistas do Sul dos Estados Unidos, e fizeram o pano de fundo histórico daqueles que, mais tarde, viriam como missionários pioneiros ao Brasil, e utilizariam os mesmos métodos e filosofia evangelísticos.

Além do Segundo Avivamento, os missionários americanos pioneiros no Brasil foram profundamente influenciados pelo movimento denominado landmarkismo. É difícil definir as bases do landmarkismo norte americano do século XIX, pois suas cores foram em muito misturadas com o atual movimento landmarkista, muitas vezes mais sectarista e extremista. Mas é possível afirmar, com base em documentos da época, que as bases marcantes e influenciadoras do movimento landmarkista eram: ênfase no batismo de adultos, estabelecimento de comunidades locais e autônomas, relacionamento com outras igrejas batistas, estabelecendo associações e convenções que reforçavam a identidade denominacional e o estreitamento de relações intradenominacionais (MENDONÇA, 1990, pág. 104).

Diferentemente dos landmarkistas dos dias atuais, os batistas do Sul dos Estados Unidos no século XIX eram arminianos e usavam largamente os métodos do Segundo Avivamento, especialmente séries de conferências evangelísticas e apelos (*Ibid*, pág. 103). Isso era muito forte nos pioneiros no Brasil e essa marca ficou profunda na mentalidade batista brasileira por muitos anos, e permanece forte ainda nos dias atuais.

Quando analisadas as ações dos missionários batistas pioneiros no Brasil percebe-se claramente sua postura landmarkista no estabelecimento de marcos eclesiológicos e doutrinários, no relacionamento com outras denominações evangélicas (quase sempre dominado por discussões apologéticas) e ainda mais com a distância do movimento ecumênico, e também pela valorização da piedade cristã e não envolvimento com as atividades mundanas. Daí pode-se concluir a enorme

influência que o landmarkismo impregnou na cosmovisão e na práxis daqueles missionários no início da obra batista no Brasil, o que ainda permanece em grande parte (REILY, 1984, pág. 123).

As primeiras igrejas batistas do brasil

Derrotados na Guerra Civil americana, muitos sulistas dispuseram-se a recomeçar a vida em outro país, vindo muitos deles para o Brasil, haja vista os favorecimentos do império e o incentivo governamental para os imigrantes norte-americanos. A partir do ano de 1865 várias levas de imigrantes do Sul dos Estados Unidos chegaram ao Brasil, localizando-se em vários lugares. Um dos grupos, talvez o mais bem-sucedido, estabeleceu-se no interior da então Província de São Paulo, na cidade de Santa Bárbara, próximo de Campinas. Ali estabeleceram seus sítios, casas, comércio e empresas. Ali também estabeleceram igrejas, conforme suas crenças e denominações. Dentre estes estavam os batistas que organizaram, em 10 de setembro de 1871, com 23 membros, a Igreja Batista de Santa Bárbara, sendo o seu primeiro pastor um dos colonos, Richard Ratcliff. Esta é a primeira igreja batista estabelecida em solo brasileiro (PEREIRA, 1983, pág. 69). A intenção original da igreja era servir aos colonos americanos e por isso mantinha seus cultos em língua inglesa, mas tinha franco interesse evangelístico e missionário, o que é demonstrado no primeiro manifesto evangelístico do Brasil, datado de 17 de junho de 1870, cuja preocupação era evangelizar sem distinção de nacionalidade (OLIVEIRA, 2011, pág. 20). Também foi organizada, em 1879, uma outra igreja batista no local chamado Estação, hoje a cidade de Americana, interior de São Paulo, com doze membros (AMARAL, 2001, pág. 17).

Além destas duas igrejas em São Paulo, as duas primeiras igrejas batistas em solo brasileiro, nada mais fora feito naquele promissor estado até em 1899, quando foi organizada a Primeira Igreja Batista da cidade de São Paulo, dando novos rumos à causa batista na terra dos bandeirantes. Só na primeira década do Século XX, com a mudança de Bagby e outros missionários para São Paulo, é que o trabalho deslanchou, sendo plantadas outras igrejas na capital, em Santos, Campinas, Limeira, Jundiaí e depois espalhando-se para o interior do estado (STEFANO, 2012, pág. 8).

Em 1873 um abaixo assinado, feito pelos batistas de Santa Bárbara, foi

enviado à Junta de Richmond solicitando que considerasse o Brasil como campo missionário dos batistas do Sul e que enviassem missionários. Passados oito anos a solicitação foi aceita e foram enviados William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, que chegaram no Rio de janeiro em 2 de março de 1881 e de lá seguiram para Santa Bárbara onde residiram enquanto estudavam a língua e conheciam a cultura brasileira (MEIN, 1982, pág. 21).

Enquanto os Bagby ainda estavam em Santa Bárbara, chegaram dos Estados Unidos os missionários Zachary Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, que se juntaram a eles no estudo da língua e nos planos de expansão da obra missionária batista no Brasil. Ainda em Santa Bárbara, os missionários ganharam um enorme reforço: o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, nascido na província de Alagoas, convertido pela leitura do Novo Testamento e que inicialmente se tornara metodista, mas pelo estudo mais profundo das Escrituras, juntou-se aos batistas, sendo um grande aliado dos missionários pioneiros.

Os planos para o início da missão batista em terras brasileiras, de modo a permitir expansão a todo o país, ocuparam seriamente os missionários em oração e pesquisas, tão impressionados que estavam com a grandeza da tarefa que empreendiam. Em carta à Junta de Richmond, Bagby escreve:

> O campo desocupado é por si um vasto império. Os missionários (de outras denominações) são poucos e separados por longas distâncias. Das vinte e uma províncias do Império, somente quatro estão de alguma maneira ocupadas. Milhares, sim, milhões nunca ouviram falar das Boas Novas. Estão realmente sem Deus e sem esperança no mundo. Minas Gerais, a província ao norte de nós, com dois milhões de almas, está quase abandonada. Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ao sul, estão desocupadas e brancas para a ceifa. Oxalá tivéssemos uma dúzia de missionários para entrarem nesta vasta região, onde almas estão perecendo por falta do pão da vida (CRABTREE, 1962, pág. 69).

Os dois missionários fizeram uma viagem até o interior de Minas Gerais. Lá, num hotel em Barbacena, puseram um mapa do Brasil no chão e, ajoelhados ao lado dele, imploraram a direção divina para a escolha que precisavam fazer (PEREIRA, 1982, pág. 79).

Finalmente decidiram estabelecer-se na Bahia, apontando William Bagby, em relatório enviado à Junta de Richmond, os seguintes motivos: a segunda maior cidade do império, com duzentos mil habitantes, com muitas cidades na região circunvizinha;

o acesso ao interior e a outras cidades do país era facilitado pela proximidade do Mar e de rios, e também por estradas de ferro; era um campo com quase nenhuma presença missionária evangélica, enquanto no Rio de Janeiro havia missionários de outras seis ou oito denominações (CRABTREE, *Op. cit.*, pág. 74). Chegando em Salvador em 31 de agosto de 1882, os três casais (Bagby, Taylor e Teixeira) alugaram uma casa pequena onde as três famílias compartilhavam apertadamente os cômodos, até se mudarem para a casa do Barão, na Rua Maciel de Baixo, onde funcionara um colégio jesuíta. Este imóvel acolhia melhor as famílias missionárias e ainda havia um local de cultos, para aproximadamente 200 pessoas (HARRISON, 1987, pág. 34). Ali começaram as reuniões de oração e cultos públicos, sendo a igreja organizada formalmente em 15 de outubro de 1882 (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 80).

Merece destaque o fato narrado em relatório pelo missionário Taylor de que após os três primeiros meses, em que Teixeira pregava nos cultos da noite e os americanos ensinavam a Bíblia e recebiam os visitantes, por conta da oposição do clero local e da diminuição da curiosidade pública, as reuniões se esvaziaram a ponto de se reunirem apenas as famílias missionárias. Isso os forçou a ir para a rua, entrar nas lojas e mercados, em direção ao povo, a fim de encontrar alguém disposto a ouvir o evangelho. A partir dali ficou claro que a evangelização deveria ser feita individualmente, um a um (HARRISON, 1987, pág. 35).

O trabalho em Salvador prosperou, em grande parte graças à forte perseguição que reforçou o ânimo e a garra dos missionários e despertou o interesse do povo. Vinte pessoas foram batizadas logo no primeiro ano de trabalho. Havia de seis a oito cultos por semana, em vários lugares da cidade e os missionários mantinham relacionamentos com muitas pessoas interessadas no evangelho. A Escola Dominical crescia a trinta e cinco alunos (HARRISON, *Op. cit.*, pág. 36).

Conquanto os Bagby deixassem Salvador em direção ao Rio de Janeiro e Teixeira seguisse para Maceió, o trabalho na Bahia, sob liderança de Taylor, crescia vertiginosamente, não só na capital, mas também nos interiores de toda a Bahia. Fruto das incursões missionárias de Taylor e da extensão da igreja em Salvador foram organizadas as seguintes igrejas no interior da Bahia: Alagoinha (em 1888), Vargem Grande (em 1894), Amargosa (em 1896), Santo Antônio (em 1898), Vitória da Conquista (em 1900), Canavieiras (em 1900), Aramari (em 1900), Rio Salsa (em 1900), estas ainda no século XIX (AMARAL, 2001, pág. 12).

Merece destaque a conversão de João Gualberto Batista, alcançado em sua funilaria quando Taylor presenteou-lhe uma Bíblia. João se tornou estudioso da Bíblia e após sua conversão e batismo tornou-se pregador e rapidamente foi consagrado como pastor batista, o segundo pastor batista brasileiro (PEREIRA, 1982, pág. 81). Ele sucedeu a Teixeira, após sua morte em 1887, no ministério da igreja em Maceió.

Quando o trabalho na Bahia se desenvolveu, chegando a 25 membros, e Taylor pregava com fluência em português, Bagby decidiu que deveria multiplicar os esforços em uma nova missão no Brasil. Considerou entre Belém do Pará e o Rio de Janeiro, optando por este último pelos seguintes motivos: o Rio era a capital do Império e a maior cidade do país, sendo o centro da cultura, da política e da economia. Era um passo estratégico para a consolidação e expansão do trabalho batista no Brasil a plantação de uma igreja forte no Rio de Janeiro, ainda que outras denominações já estivessem ali (HARRISON, 1987, pág. 42).

Em 24 de julho de 1884, Bagby chegou ao Rio de Janeiro e hospedou-se com a família em um hotel. Ele estava devidamente autorizado pela Junta de Richmond para iniciar a missão do Rio, ainda que sob o desagrado de outras denominações. Antes de chegar ao Rio, vindo de Salvador, passara um breve período em Santa Bárbara para cuidado pastoral daquela igreja. Por providência, encontrou no Rio de Janeiro o sr. John Miller, vice-cônsul, que ele havia conhecido em Santa Bárbara, o qual morava na pensão de uma senhora inglesa, Elizabeth Williams. Ela era membro do Tabernáculo de Londres, pastoreada pelo famoso pregador batista Charles Spurgeon. Tratava-se de uma senhora distinta, piedosa e fiel ao serviço de Cristo. Indo visitá-la, Bagby recebeu o convite para a casa dela como sala de pregação. Ali começou o trabalho que depois, em 24 de agosto de 1884, foi organizado como Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, reunindo-se num salão alugado na Rua Senador Cassiano, sendo quatro os membros fundadores William e Anne Bagby, a Sra. Williams e Mary O'Rorke, que viera com a família Bagby de Salvador. Logo se juntaria à igreja a escocesa Joana Snyder (CRABTREE, 1930, pág. 93).

Outros forasteiros imigrantes se uniram à igreja logo em seu início, mas o desejo de Bagby era batizar brasileiros, o que lhe parecia distante de acontecer. Mas em 31 de janeiro de 1885 ele batizou o primeiro brasileiro nas águas da Baía de Guanabara, mas não era propriamente um convertido, pois Cândido J. Mesquita tinha sido presbiteriano por catorze anos (PEREIRA, 1982, pág. 86). O primeiro brasileiro

convertido como resultado do trabalho de Bagby no Brasil foi uma mulher, Castorina Adélia de Castro, empregada dos Bagby, evangelizada por Anne (AZEVEDO, 1988, pág. 25).

A Junta de Richmond queria ver frutos rápidos, como via na Bahia, e até cogitou transferência de Bagby para um campo mais fértil, mas a persistência de Bagby o fez continuar e ver os frutos de seu trabalho na capital e na província do Rio de Janeiro. Superada a crise inicial, o trabalho pioneiro de Bagby pode ser visto além do crescimento rápido da igreja no Rio de Janeiro, mas também na organização das igrejas de Juiz de Fora e Barbacena no estado de Minas Gerais em 1890 e 1892 respectivamente, de várias igrejas organizadas no interior do estado do Rio de Janeiro, como Campos em 1891, Niterói em 1892, São Fidélis em 1894, Guandu e Paraíba do Sul em 1895, Macaé em 1898, Ernesto Machado em 1899, Cambuci e Rio Preto em 1900, Anta em 1902, Sapucaia em 1904, além de outras igrejas organizadas na então capital federal: Piedade em 1893, Santa Bárbara em 1895, Paciência em 1900, Boa Nova em 1900, Engenho de Dentro em 1902 e Campo Grande em 1903. (AMARAL, 2001 pág. 13).

Várias destas igrejas têm diversas igrejas filhas e netas, que multiplicaram esplendidamente o número e a força das igrejas em todo o estado do Rio de Janeiro e na capital federal (SALLES, 2005, pág. 324). Só para ilustrar, uma das filhas da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, a Primeira Igreja Batista de Campo Grande, tem atualmente vinte e nove igrejas filhas, trinta e uma igrejas netas, quatorze igrejas bisnetas e quatro trinetas, totalizando 78 igrejas descendentes que, junto com a mãe, somam mais de vinte mil membros (BATISTA, 2012, pág. 286). Como resultado do trabalho pioneiro de Bagby há atualmente cerca de duas mil e duzentas igrejas e congregações batistas na capital e no estado do Rio de Janeiro, somando aproximadamente quinhentos mil batistas, um quarto dos batistas brasileiros.

Assustado com as represálias de que seria vítima, em virtude de haver deixado a batina e contraído casamento, Antônio Teixeira de Albuquerque fugiu para São Paulo, uma vez que fora ameaçado em Recife e em Maceió (PEREIRA, 1982, pág. 88). Mas a situação mudou após sua conversão, casamento, batismo, consagração pastoral, experiência missionária em Salvador, conversão de sua esposa, maturidade e convicção de fé. Teixeira sentiu-se impulsionado a voltar para Maceió, disposto a enfrentar oposições e perseguições que certo viriam. O opúsculo que escrevera, "*Três*

Razões Por Que Deixei a Igreja Romana", já vinha sendo largamente usado, e com êxito, tanto na Bahia quanto no Rio. Vários exemplares foram à sua frente, despertando o interesse de várias pessoas para o estudo da Bíblia, as quais escreveram à missão na Bahia pedindo a presença do ex-padre alagoano. Isto lhe fez estar encorajado para rever seus ex-paroquianos, especialmente seus pais, que tanto insistiram para que ele fosse padre, e que então Teixeira desejava evangelizá-los. Após duas incursões evangelísticas, Teixeira mudou-se para Maceió a fim de estabelecer ali uma missão, sendo organizada a Primeira Igreja Batista, com dez membros, em 17 de maio de 1885. Ele teve o privilégio de batizar os seus pais e muitos conterrâneos (MESQUITA, 1930, pág. 13).

Quando Teixeira de Albuquerque deixou a batina e fugiu de Maceió com sua namorada, rumou para Recife, onde conheceu Wandragésilo Melo Lins, que o ajudou a fugir da perseguição do clero e o encaminhou nos estudos da Bíblia, pois já tinha mais conhecimentos bíblicos do que seu amigo ex-padre. De fato, a ajuda de Melo Lins foi essencial para a conversão e consagração de Teixeira. Melo Lins frequentava a igreja Presbiteriana e também a igreja Congregacional, mas não se unira a nenhuma delas por não concordar com aquele tipo de batismo. Foi então, por solicitação de Teixeira, quando este já estava em Maceió novamente, agora como pastor, que Taylor se encontrou com Melo Lins em Recife e, após expor a fé batista e arguir suas convicções, o batizou nas águas do Rio Beberibe. Estava batizado o primeiro batista pernambucano (*Ibid*, pág. 14).

O Dr. Taylor, ao regressar de Recife para Salvador após o batismo de Melo Lins, convidou o recém batizado para ir com ele até Maceió, onde organizaram a Primeira Igreja Batista em 1885. Melo Lins permaneceu em Maceió, membro da igreja então pastoreada por Teixeira, atuando como pregador e evangelista ardoroso. No início de 1886 ele foi consagrado ao ministério pastoral, em Maceió, e de lá seguiu de volta a Recife, atendendo ao desafio de Taylor, para plantar uma igreja naquela cidade. Seis meses depois, já havia uma animada congregação e seis pessoas prontas para o batismo (*Ibid*, pág. 14).

Chegou ao Brasil, no princípio de 1886, recém nomeados pela Junta de Richmond, os missionários Charles Daniel e sua esposa. Ele tinha a vantagem de falar o português, posto ter sido criado no Brasil. A igreja em Recife foi organizada em 4 de abril de 1886 (PEREIRA, 1982, pág. 90), sendo Charles Daniel oficialmente o

pastor e Melo Lins evangelista.

Com a saída de Taylor, que se retirava aos Estados Unidos para tratamento de sua saúde, três meses após a organização da igreja de Recife, Charles Daniel foi para a Bahia para substitui-lo. Melo Lins assumiu como pastor em Recife, lutando por três anos à frente do rebanho, até que uma terrível tormenta o alcançou: Martiniano, que era casado, queria contrair segundas núpcias, a que o pastor Lins se opunha. Formaram-se grupos que dividiram a igreja, estabelecendo-se um clima de terrível luta, afastando os crentes e quase levando a zero a congregação. Ao saber desta questão, Taylor, que já estava de volta ao Brasil, corta o salário de Melo Lins, deixando-o em sérios apuros[4]. Foi o fim da primeira etapa do trabalho batista em Recife (MESQUITA, 1939, pág. 15). Melo Lins voltou para Maceió e a igreja de Recife, muito enfraquecida, era visitada esporadicamente por Taylor.

Em 1892 chegou a Recife o missionário William Edwin Entzminger que reorganizou a igreja e deu solidez ao trabalho. Desde então o crescimento foi duradouro e o evangelho espalhando-se por toda a parte, sendo estabelecidos pontos de pregação, mais tarde organizados em igrejas: Goiana em 1892, Nazareth da Mata em 1896, Limoeiro e Capibaribe-Mirim em 1898, Cachoeiras e Bom Jardim em 1899, Timbaúba e Bomba do Memetério em 1900 (AMARAL, 2001, pág. 12).

A expansão da obra batista no Brasil alcançou outros lugares por esforço dos pioneiros missionários e imigrantes. A chegada dos imigrantes letos, batistas, a partir de 1890, motivada por opressão político-religiosa e as precárias condições sociais e econômicas na Letônia, foi um impulso missionário no sul do Brasil, uma vez que até então não havia missionários americanos naquelas plagas (SANTOS, 1992, pág. 25). Também impulsionou a obra batista no sul do Brasil a chegada de imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, que por suas profundas convicções batistas não se filiaram às igrejas luteranas, mas iniciaram igrejas batistas, voltadas para o público alemão, mas, como também faziam os letos, sem se esquecer do brasileiro (BORGES, 2010, pág.

[4] Segundo relato de Ginsburg (1970, pág. 69), em sua autobiografia, "o Dr. Z.C.Taylor, um dos obreiros mais consagrados e abnegados que o Brasil já teve, defendia ideias peculiares a respeito do casamento e do divórcio. Cria que a igreja local podia conceder o divórcio à parte inocente e que, uma vez concedido o divórcio, a dita igreja podia com legitimidade celebrar novas núpcias. As leis do país, porém, eram contrárias ao divórcio". Talvez tenha sido por causa destas convicções e pela recusa de Melo Lins em submeter-se a essas orientações que Taylor cortou o salário do missionário, ficando do lado do grupo dissidente e contra o pastor, que se viu forçado a deixar a igreja. Sem julgar o mérito da decisão de Taylor, é fato que ela prejudicou a igreja, que quase morreu, atrasando o avanço do evangelho em terras pernambucanas até a chegada de Entzminger.

21). Como fruto desta migração tem-se um movimento, mesmo que não intencional, de plantação de igrejas em todo o sul do Brasil, de onde vêm as seguintes igrejas: Alemã de São Paulo e Alemã de Campinas em 1891, Leta de Rio Novo SC e Leta de Rio Oratório em 1892, Alemã em Vila Formosa RS em 1893, Leta da Linha Dez RS em 1895, Leta de Rio Mãe Luzia SC em 1895, Leta de Alto Guarai SC (ou Massaranduba) em 1898, Alemã de Porto Alegre RS em 1898, Leta de Jacu-Açu em 1898 (BORGES, *Op. cit.*).

Ainda é preciso destacar a ação missionária extraordinária no Norte de Brasil, liderada por Eurico Alfredo Nelson, que serviu como missionário na Amazônia por quarenta e oito anos, de 1891 a 1939, plantando igrejas no Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Maranhão, Piauí e Ceará (PEREIRA, 1945, pág. 72). A primeira igreja evangélica de toda a Amazônia é a Primeira Igreja Batista do Pará, plantada por Nelson. Foi só o começo de uma jornada de evangelização pelos rios e matas, onde muitas igrejas foram plantadas.

Os pioneiros

Ao estudar a história da plantação das primeiras igrejas batistas no Brasil, fica evidente que os missionários pioneiros, suas histórias e características pessoais foram determinante para o êxito do empreendimento missionário. Destacamos, em especial, William Buck Baby, Zachary Clay Taylor, Salomão Luis Ginsburg, William Edwin Entzminger, Eurico Alfredo Nelson, Loren Reno, dentre outros pioneiros.

William Buck Bagby nasceu no Texas, em 5 de novembro de 1855. Bagby descendia de huguenotes franceses que haviam fugido da perseguição religiosa sob Luiz XIV. Converteu-se aos 12 anos. Formou-se em teologia em Baylor, aos vinte anos de idade, sendo licenciado para pregar e ensinar. Sua consagração ao ministério pastoral ocorreu em 16 de março de 1879, aos 23 anos de idade.

Em 21 de outubro de 1880 casou-se com Anne Luther Bagby, filha do Dr. John Luther, reitor da Universidade de Baylor (HARRISON, 1987, pág. 12). O jovem casal fora influenciado, desde o tempo do noivado, pelo General Hawthorne, “um dos norte-americanos que se mostraram mais entusiasmados com a ideia da colocação de cidadãos sulistas no Brasil” (PEREIRA, 1982, pág. 69). Hawthorne havia vivido um período na terra do Cruzeiro do Sul e, de volta aos Estados Unidos, tornara-se “um

propagandista do estabelecimento de uma Missão Batista no Brasil" (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 70).

O casal apresentou-se à Junta de Richmond para atuarem no Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 2 de março de 1881, após quarenta e oito dias de viagem. Do Rio seguiram para Santa Bárbara do Oeste, onde estudaram o português enquanto William pastoreava a igreja, empreendendo planos para a evangelização do Brasil. Após a chegada do casal Taylor e também do ex-padre Teixeira de Albuquerque, decidiram seguir para Salvador, onde plantaram a igreja, em 1882.

Em 1884 Babgy transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1900, quando se mudou para São Paulo a fim de instituírem o Colégio Batista Americano na capital paulista. Naquele estado, ele pode pastorear e plantar igrejas, formar liderança local e influenciar na educação, o que passou a ser, naquele momento, sua atividade principal. Porém, mesmo no tempo do colégio, não deixou de viajar para o interior do estado de São Paulo e em outros estados do Brasil (especialmente Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Mato Grosso) e até para países vizinhos como Chile e Argentina, visando expandir a obra batista por meio da evangelização e plantação de igrejas (HARRISON, 1987, pág. 71). Em 1908, ele ajudou a organizar União Batista Chilena (PEREIRA, 1982, pág. 93). Em 1927 mudou-se para Porto Alegre, onde dedicou os últimos doze anos de sua vida àquele campo missionário, fazendo incursões evangelizadoras pelo interior do estado. Morreu em 5 de agosto de 1939, aos 83 anos de idade, após 58 anos de trabalho missionário no Brasil, sendo sepultado em Porto Alegre (HARRISON, *Op. cit*., pág. 87).

Ressalta-se o que Bagby escreveu à Junta de Richmond, resumindo a prioridade de seu ministério:

> Os membros desta Missão estão convencidos de que o principal trabalho do missionário estrangeiro não é permanecer em um ou dois lugares e trabalhar aí exclusivamente ou principalmente, mas, sim, pregar o evangelho em muitos campos, fixando residência em certos centros, talvez, mas viajando nós mesmos de lugar em lugar e pregando. Não sentimos que Deus nos tenha enviado ao Brasil para sermos pastor tanto quanto missionários e evangelistas. Se nos tornamos, temporariamente, pastores das igrejas que organizamos, consideramos isso não nossa primária, mas sim, secundária tarefa. Nossa obra primária deverá ser sempre distintivamente missionária e evangelizadora (PEREIRA, 1982, pág. 92).

Zachary Clay Taylor, nascido em 1851, em Jackson, no estado de Mississipi, era filho de um diácono batista, que migrou com sua família para o Texas em consequência da Guerra da Secessão. Converteu-se aos dezoito anos e logo sentiu-se chamado para o trabalho cristão, ingressando na Universidade de Waco e depois na Universidade de Baylor, onde sentiu pela primeira vez, e antes de Bagby, a chamada para pregar o evangelho no Brasil, impressionado com a leitura do livro *O Brasil e os Brasileiros*[5]. Terminado o curso em Baylor, em 1879, Taylor foi consagrado ao ministério e exerceu seu primeiro pastorado na cidade de Runnels, economizando dinheiro no trabalho secular a fim de sustentar-se no Seminário de Louisville, para onde foi no ano seguinte. Tinha planos de cursar todo o curso de três anos, mas cedendo aos apelos de Hawthorne e Bagby, apressou os planos para sua vinda ao Brasil. Casou-se em 25 de dezembro de 1881, com Kate Stevens Crawford Taylor, sendo o casal nomeado pela Junta de Richmond e em 11 de janeiro de 1882 embarcavam para o Brasil, onde chegaram em 04 de março do mesmo ano (CRABTREE, 1962, pág. 68).

Após um curto período em São Paulo, seguiu com Bagby e Teixeira para Salvador a fim de iniciarem ali o trabalho de expansão missionária no Brasil. Após a saída de Bagby para o Rio de Janeiro e de Teixeira para Maceió, Taylor permaneceu à frente da igreja na Bahia, porém não se limitou àquela única igreja, ou mesmo à capital. Foram várias e muito frutíferas as suas incursões para os interiores da Bahia, onde evangelizou e plantou igrejas.

Ao comemorar o quarto aniversário da igreja da Bahia, em 15 de outubro de 1886, já sem Bagby e Teixeira, Taylor apresentou um relatório entusiasta, contabilizando 93 batismos, dois pastores brasileiros consagrados e mais dois que estavam pregando e se preparando para o ministério. A missão na Bahia contava com três igrejas, dez pontos de pregação, cinco pastores, dois obreiros, quatro diáconos e 120 batistas (CRABTREE, 1962, pág. 87). Em seu relatório de 1897, Taylor declarou que aquele fora um ano frutífero, com 85 batismos e que havia feito tantas visitas que esteve fora da cidade cinco meses durante o ano, visitando todas as igrejas duas vezes (CRABTREE, *Op. cit.* pág. 154).

---

[5] Livro escrito pelos missionários Kidder e Fletcher, pregadores metodistas que haviam estado no Brasil na época da Regência. Taylor emprestou a leitura do mesmo livro a Bagby, quando ainda estudavam em Baylor, e tal leitura impressionou profundamente a ele também (MEIN, 1982, pág. 19).

A organização do Colégio Egydio Americano, em 1898, em Salvador[6], também trouxe grande impacto e reconhecimento por parte de toda a sociedade (ANDRADE, 1998, pág. 20). No final de 1900, já eram nove igrejas e 516 membros (CRABTREE, op. cit, pág. 153) e em 1906 já eram 24 igrejas, dez pastores nacionais e 1.161 membros (CRABTREE, op. cit, pág. 247).

Taylor destacou-se também por seu zelo doutrinário. Foi ele quem traduziu a *Confissão de Fé de New Hampshire*, que foi adotada por todas as igrejas batistas daquele período, bem como pela CBB em 1907 com o nome de Declaração de fé das igrejas batistas do Brasil. Traduziu e escreveu livros, artigos e folhetos que influenciaram na formação do pensamento teológico dos primeiros obreiros nacionais (PEREIRA, 1982, pág, 80).

Salomão Luis Ginsburg nasceu em 6 de agosto de 1867, num povoado próximo de Suwalki, na Polônia sob o domínio do Império Russo. Seu pai era judeu nascido na Polônia, e exercia o oficio de rabino, enquanto sua mãe, filha de judeus alemães, era natural de Koenigsberg (Alemanha). Ele foi levado, aos seis anos de idade, para a casa dos avós maternos, em Koenigsberg, para receber a educação básica, e ali ficou até a idade de catorze anos. Retornou à casa paterna onde cresceu alimentando dúvidas sobre textos das Escrituras Sagradas, que falavam do Messias, sobre os quais, uma vez, pediu esclarecimento ao seu pai, recebendo, como resposta, uma bofetada (GINSBURG, 1970, pág. 22). Converteu-se em 1883 e logo sentiu-se chamado para o ministério. Recomendado por um professor do Colégio, Ginsburg encontrou Sara Poulton Kalley, viúva de Robert Kalley, missionário que havia iniciado da obra congregacional no Brasil. Ela o convidou para trabalhar no Brasil e em 1890 ele foi ordenado ao ministério evangélico e nomeado missionário por uma sociedade missionária para servir no Brasil. Viajou a Portugal para aprender a língua portuguesa. Escreveu, ao final de um mês de aprendizado (fevereiro de 1890), um folheto, em português, com o título *São Pedro nunca foi papa*, vendendo três mil exemplares pessoalmente. Pouco tempo depois escreveu um segundo, *Religião de trapos, ossos e farinha*, sendo perseguido pelos jesuítas, a ponto de resolver antecipar a viagem para o Brasil, depois de intimado pela polícia (SILVA, 2005, pág. 24).

[6] O colégio mudou de nome para Colégio Taylor-Egídio e foi transferido em 1922 para o município de Jaguaquara, no interior da Bahia. Este é o primeiro colégio batista no Brasil. (ANDRADE, 1998, pág. 35-40)

Chegando ao Rio de Janeiro em 10 de junho de 1890, Ginsburg se uniu à Igreja Fluminense, passando a trabalhar na evangelização na cidade do Rio de Janeiro e de Niterói. Salomão, em 1891, foi enviado ao Recife para substituir o pastor James Phanstone, que entrava em gozo de férias, na direção da Igreja Evangélica Pernambucana (Congregacional). Ali Ginsburg começou a debater com o missionário batista Zacharias Taylor, as bases bíblicas do batismo por imersão, assunto que já o preocupava há algum tempo. A analise dos textos que efetuou na língua original convenceu Ginsburg de que a forma bíblica do batismo era a adotada pelos batistas (MESQUITA, 1930, pág. 57). Salomão Ginsburg tornava-se então, pelo batismo, um batista, e em concílio realizado uma semana depois, um pastor e missionário batista.

Ginsburg destacou-se como profícuo plantador de igrejas. Ajudou na organização da igreja alemã em São Paulo, em 1892, e de lá seguiu para o Pernambuco onde, juntamente com Entzminger, reorganizaram a igreja de Recife, depois foi para Niterói, onde fortaleceu a igreja. Dali seguiu para Campos, consolidando e dando crescimento à igreja iniciada por Bagby, e plantando novas igrejas por todo o Norte Fluminense: São Fidélis, Macaé, Ernesto Machado, Guandu, Cambuci, Rio Preto, as quais se multiplicaram após a saída do missionário daquele campo.

No Pernambuco, reorganizou a Primeira Igreja Batista do Recife e plantou várias outras igrejas: Jaboatão, Cordeiro, Gameleira, Jardim, Torre, Feitosa, Garanhuns, Timbaúba, Palmares, Cortez, Moganga, entre outras. Plantou igrejas em Alagoas (Atalaia), Goiás e Rio de Janeiro capital (Jacarepaguá). Destacou-se também na imprensa, na literatura e na educação teológica. Publicou o Jornal "As Boas Novas", na cidade de Campos, que depois seria incorporado pelo Jornal Batista, e em Recife o jornal "O Missionário". Usava da imprensa local publicando artigos e polêmicas acerca da Bíblia e da fé cristã. Foram muitos os homens despertados, preparados, capacitados e encaminhados ao ministério pastoral por Ginsburg, dos quais vários se destacaram como líderes da denominação, o que mostra a sua intencionalidade na preparação de líderes (SILVA, 2005, pág. 27). Salomão Ginsburg iniciou o Seminário Batista de Pernambuco, na cidade do Recife (PE), em 1º de abril de 1902 (Mesquita, 1930, p. 74).

Foi Ginsburg também um grande incentivador da organização da CBB, do *Jornal Batista* e das juntas missionárias e da Casa Publicadora Batista. A influência

de Ginsburg na música e hinologia batista foi enorme, sobretudo com *O Cantor Cristão* (PEREIRA, 1982, pág. 97).

William Edwin Entzminger, filho de fazendeiro de ascendência holandesa, nascido em 25 de dezembro de 1859, na Carolina do Sul, converteu-se e foi batizado aos doze anos de idade. Aos vinte foi consagrado ao ministério, pastoreando algumas igrejas americanas, inclusive durante o período em que cursava o Seminário Teológico Batista do Sul dos Estados Unidos, em Louisville. Foi o primeiro, e durante muitos anos o único missionário batista no Brasil com o título de doutor em teologia. Aos trinta e um anos, após a leitura do folheto *A terra do Cruzeiro do Sul*, de autoria de Taylor, sentiu-se chamado para missões no Brasil. Casou-se com Maggie Griffith e seguiram para o Brasil, em 1891, chegando na Bahia, onde inicialmente auxiliou Taylor, mas acometido fortemente pela febre amarela e impaludismo, seguiram para Recife onde reorganizou a igreja em 1892 (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 100).

O ministério de Taylor caracterizou-se fortemente por sua contribuição literária. Pereira o considera "um dos grandes doutrinadores do povo batista brasileiro" (PEREIRA, *Op. cit.* pág. 101). Mas Crabtree (1962, pág. 112) afirma de Entzminger:

> [Entzminger] teve a felicidade de fundar muitas igrejas e uma coisa notável é que todas elas prosperavam, porque era criterioso na organização das mesmas [...] Enquanto trabalhava na Casa Publicadora, fundou a Igreja do Méier e restabeleceu o trabalho em Niterói.

Exerceu enorme influência no início da formação teológica no Brasil, desde que iniciou sua classe de estudos teológicos e ministeriais para jovens promissores. Também foi ele quem acolheu e reconduziu Melo Lins ao ministério, o qual havia sido excluído da igreja em Maceió (MESQUITA, 1930, pág. 29).

A trajetória de Entzminger é marcada por lutas e perdas que provaram sua persistência: perda de dois filhos em Recife, febre amarela, impaludismo, hanseníase, enfermidade e morte da esposa, além das perseguições constantes (BARBOSA, 2006, pág. 33). Mas em tudo permaneceu firme, perseverando em cumprir o seu chamado missionário no Brasil.

Eurico Alfredo Nelson, cognominado pelos batistas de "O Apóstolo da Amazônia", foi quem iniciou o trabalho batista nesta vasta região. Ele nasceu na Suécia, em 17 de dezembro de 1862. Sua família mudou-se para os Estados Unidos,

estabelecendo-se no estado de Kansas, no trabalho de campo, especialmente trabalhando com gado, e o menino Alfredo integrava-se perfeitamente a este tipo de vida. Converteu-se aos 14 anos e foi logo batizado. Como desde pequeno trabalhava, só frequentava as aulas da denominada escola primária quando era possível, por isso não completou o curso primário. Entretanto, essa deficiência era compensada pela leitura, pois o menino Eurico Alfredo era um leitor de todo material impresso que encontrava. Não somente lia, mas, também os guardava. Era autodidata (PEREIRA, 1945, pág. 16). Após um período de frieza espiritual, voltou-se para Cristo, aceitando o chamado missionário e decidiu que viria para o Brasil, depois de ler num jornal, em língua sueca, uma carta do missionário Bagby.

Em 19 de novembro de 1891 Nelson chegou a Belém, sem suporte financeiro de nenhuma igreja ou junta missionária. Veio por sua própria conta e risco. Empregou-se na Companhia de Vapores do Rio Amazonas e depois sustentou-se como vendedor de Bíblias. Nelson escreveu à sua noiva Ida, que deixara no Kansas, pedindo-a em casamento. Ela veio ao Brasil sozinha e casaram-se no mesmo dia em que desembarcou em Belém. O casamento foi celebrado em 7 de janeiro de 1893, pelo Cônsul americano, tendo outros seis cônsules estrangeiros como testemunhas (PEREIRA, 1982, pág. 102).

Nelson pregava, evangelizava, cuidava dos marinheiros doentes, vendia Bíblias e ganhou os primeiros convertidos. No dia 2 de fevereiro de 1897, nas águas do Rio Amazonas, o missionário Salomão Ginsburg, a convite de Nelson, batizou em Belém vários irmãos e na mesma data organizou a Igreja Batista de Belém. Em seguida, Ginsburg enviou Eurico Nelson a Pernambuco, onde estava Entzminger. No templo da Igreja Batista do Recife, em Concilio realizado no dia 4 de março de 1897, composto dos pastores William Entzminger (presidente e examinador), Wandregesilo Melo Lins e Salomão Ginsburg (que pregou a mensagem) e do diácono Sabino, que fez a oração consagratória, foi Eurico Alfredo Nelson examinado e consagrado ao ministério pastoral (MESQUITA, 1930, p. 40). A partir de então a Junta de Richmond comprometeu-se a enviar-lhe um auxílio mensal e depois o nomeou como missionário (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 103).

Os resultados do trabalho de Eurico Nelson são mensurados pelas igrejas plantadas no Pará, Amazonas, Rondônia, Maranhão, Piauí, Ceará, chegando até Iquitos no Peru. Quando faleceu, em 17 de maio de 1939, aos 76 anos, dos quais

quarenta e oito dedicados ao Brasil, o presidente da Junta de Richmond declarou: “nenhum outro missionário de nossa Junta foi tão abnegado no serviço sacrificial” (apud PEREIRA, 1982, pág. 103).

Loren Reno nasceu em 17 de junho de 1872 em New Castle, Pennsylvania, e chegou ao Brasil em outubro de 1904. Fazia parte de uma leva posterior de missionários, que já encontrou o trabalho batista iniciado no Estado do Espírito Santo, desde que em 1892 Bagby enviara o evangelista José Alves à cidade de Vitória. Depois o próprio Bagby ali fizera incursões evangelísticas. Converteram-se alguns que se tornaram evangelistas locais, e outros evangelistas vieram da Bahia, como a senhora Achimínia Barreto e o irmão Francisco José da Silva. O missionário Ernesto Jackson viajou ao Espírito Santo em 1902 e verificou os frutos do trabalho do evangelista Francisco, mesmo em meio a duras perseguições. Em 1903 foram organizadas as igrejas em Vitória, Firme e Afonso Cláudio, sendo o irmão Francisco consagrado ao ministério e eleito pastor das igrejas. O trabalho de Francisco estende-se aos interiores de todo o estado, abrindo frentes de trabalho, pontos de pregação e igrejas (CRABTREE, 1962, pág. 249-257).

Quando Reno chegou ao Brasil, o trabalho no Espírito Santo já estava iniciado, porém muito insipiente. Havia duas ou três igrejas e mais alguns pontos de pregação, que se reuniam debaixo de uma cobertura de sapê com paredes e chão de barro, que somavam, em todo o Estado, menos de 150 pessoas. Mas eram homens e mulheres muito consagrados, ousados e corajosos, que enfrentavam a perseguição e sonhavam com a expansão missionária em terras capixabas, e que receberam o casal missionário com muito acolhimento e disposição de servir (CRABTREE, *Op. cit.*, pág. 257).

Por causa da perseguição, Reno travou batalhas com o governo sobre a liberdade de culto, um cemitério laico, o direito de construir templos, o que foi marcante para a consolidação da democracia republicana brasileira, além de seu empenho na educação, com a organização do Colégio Americano Batista. Isso fez o seu trabalho expressivo e relevante diante das altas camadas da sociedade capixaba (PEREIRA, 1982, pág. 103). Reno plantou igrejas em todo o estado e em 1924 já eram vinte e oito igrejas plantadas, lançando profundas raízes da visão missionária em todo o campo (RENO, 2007, pág, 119).

Para fechar

O conhecimento dos fatos, a análise das circunstâncias e a reflexão das lições extraídas da história dos pioneiros apontarão um caminho importante para o presente e o futuro da plantação de igrejas no Brasil. Se cada plantador de igreja, pastor de igreja local, líder de agência missionária ou de entidade denominacional reproduzirem, contextualizadamente, os fatores que impulsionaram a expansão do trabalho missionários dos pioneiros batistas, o Brasil verá um movimento intencional de plantação de igrejas no Século XXI. Se, igualmente, forem forjados os traços da personalidade e do perfil de liderança observados na experiência dos bem-sucedidos pioneiros, haverá uma nova geração de missionários e pastores com uma enorme visão e paixão missionárias atreladas a práticas frutíferas, o que resultará em um grande crescimento dos Batistas Brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Othon Ávila do. **Marcos Batistas Pioneiros**. Mesquita: ed. Do Autor, 2001.

ANDRADE, Daria Gláucia Vaz de. **Colégio Taylor Egídio. 100 anos**. 1ª ed. Jaguaquara: Colégio Taylor-Egídio, 1998.

AZEVEDO, Israel Belo de. **Coluna e Firmeza da verdade – história da primeira igreja batista do Rio de Janeiro. Volume I: 1884-1927.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, 1988.

BATISTA, Gilson do Carmo. **A inusitada trajetória de uma Igreja centenária**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brunner, 2012

BORGES, Maria Fernanda Monte. **Os Pioneiros 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil**. 1ª ed. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010.

BUENO, Eduardo. **Brasil: Uma História**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2012.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais**. 1ª ed. Viçosa: Editora Ultimato, 2000.

CRABTREE, A.R. **História dos Batistas no Brasil até o ano de 1906**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

GINSBURG, Salomão Luiz. **Um judeu errante no Brasil**. 2ª ed. Rio de janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

GOMES, Laurentino. **1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

_____. **1889 - Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2013.

HARRISON, Helen Bagby. **Os Bagby do Brasil: Uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1987.

MATOS, Alderi Souza de. **Lições dos Avivamentos Americanos**. Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper, 2012.

MEIN, David. **O que Deus tem feito**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos Baptistas em Pernambuco**. 1ª ed. Recife: Typografia do C.A.B., 1930.

OLIVEIRA, Paulo de Sousa. **Estratégias de uma missão: Salomão Ginsburg e a construção do ideário batista (1890-1927)**. Tese de Doutorado. USP, 1999.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Um povo chamado Batista: história e princípios**. 2ª ed. Recife: Kairós Editora, 2011.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 1ª ed. Rio de janeiro: Editora Juerp, 1982.

_____. **O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1945.

RENO, Loren M. RENO, Alice W. **Recordações Vinte e Cinco anos em Vitória, Brasil**. 1ª ed. Vitória: Convenção Batista do Espírito Santo, 2007.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

SALLES, Eudora Pitrowsky. **História da Convenção Batista Carioca – 100 anos de testemunho para o tempo vindouro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2005.

SANTOS, Almir Etevino dos. **História dos Batistas Catarinenses**. 1ª ed. Santa Catarina: Convenção Batista Catarinense, 1992.

SILVA, Francisco Bonato Pereira da. **100 anos de história – Igreja Batista do Cordeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: ZIT Editora, 2005.

STEFANO, Gilberto. **História dos Batistas do noroeste paulista**. 1ª ed. Marília: Edição do Autor, 2012.

TUCKER, Ruth A. **Missões: Até os confins da terra**. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.